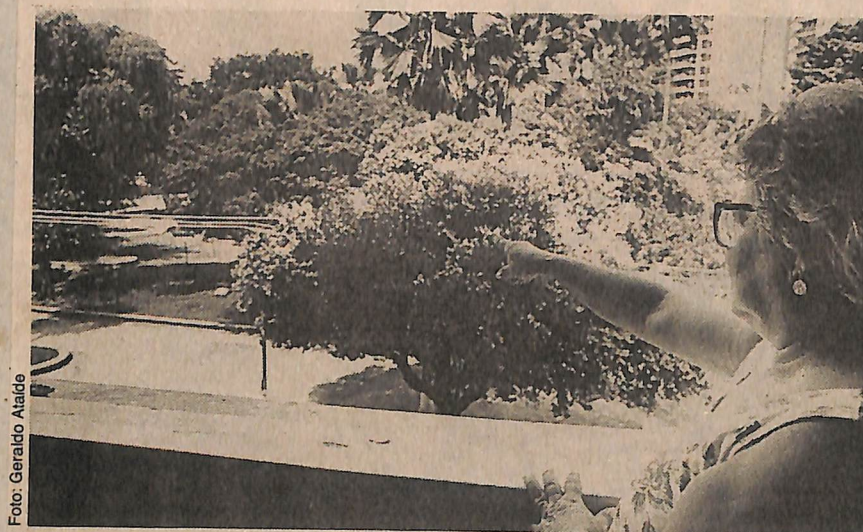


PMS CPM GERIN	
BIBLIOTECA	
Jornal <i>Jornal A Tarde</i>	
Data <i>02-05-93</i>	
Caderno <i>1º</i>	Página <i>2</i>
Seção	
Assunto <i>Política</i>	



A maior praça da cidade, o Campo Grande, precisa de mais cuidado

Abandonadas, as praças já não atraem moradores

"A Praça Castro Alves é do povo", pelo menos durante o Carnaval, quando se torna um dos mais democráticos espaços da cidade, mesmo que a cada ano as barracas e vendedores ambulantes disputem cada centímetro de calçada. Mas as demais praças vêm-se distanciando daquela antiga imagem que se traduzia em lazer, liberdade, romantismo, matando a saudade principalmente de quem nasceu no interior e sempre via na praça um ponto de referência, de encontro com as informações, os amigos e acontecimentos.

Cada vez mais, as praças estão afastando os moradores mais próximos, que pouco se arriscam a utilizar essas áreas, antes mais verdes. Morar defronte de uma praça já não é tanto privilégio assim. Os problemas trazidos pelo progresso, pela crise econômico-social, são tantos que os moradores resolveram confinar seus filhos nos prédios, porque as praças vêm-se transformando em moradia de retirantes, mendigos, desocupados, menores infratores que utilizam esses espaços de forma nem sempre civilizada, distanciada de sua finalidade.

Quando Márcia Aguiar morava na Rua Manoel Dias da Silva, na Pituba, olhava a Praça Nossa Senhora da Luz como um lugar ideal para morar ao lado, considerando que ali poderia deixar seus dois filhos brincando sossegados, enquanto ela trabalhava e se dedicava a outros afazeres. Há oito anos mudou-se para o Edifício Palmeira, um prédio sem play-ground, mas ela entendeu que a praça seria um substituto à altura. Hoje, seus filhos, com 13 e oito anos, brincam dentro do prédio, que teve de ser gradeado para que a paz retornasse para os moradores.

parque são disputados por menores (e maiores) infratores. A praça ainda é belíssima, como lembra a moradora do Edifício Campo Grande, Alzerinda Azevedo. Morar ali é muito agradável, o transporte é fácil para qualquer canto, existe toda uma infraestrutura comercial e cultural, mas nada é perfeito.

Como outras praças, o Campo Grande exige maior cuidado e os moradores reivindicam uma limpeza diária às primeiras horas da manhã. Logo cedo, baianos e visitantes esportistas praticam cooper e encontram a praça suja, resultado da venda de refrigerantes, cervejas e acarajés, na véspera, principalmente após as festas que o Clube Cruz Vermelha realiza aos domingos, atraindo barraqueiros desde o sábado. Dona Alzerinda nada tem contra a festa e a utilização da praça por todos. Mas, como outros moradores, reivindica alguma atenção. Ela tem certeza que o espaço pesa na hora de o proprietário de imóvel se mudar para o Campo Grande.

O grande problema é que o Carnaval, hoje, acontece o ano todo em Salvador, as lavagens se multiplicam, os grupos de samba precisam de área para ensaiar e mostrar seu trabalho. Onde houver um espaço ele é ocupado por eventos e isso já chega a locais antes silenciosos, como Vilas do Atlântico, onde moradores se queixam do barulho dos trios elétricos, mesmo fora do Carnaval. Imagina o Campo Grande como fica com a concentração de trios elétricos que saem e dispersam naquele local.

Muitos moradores dos prédios que circundam a praça abandonam seus apartamentos, alugam ou deixam fechados durante o Carnaval, quando não podem entrar e sair das garagens a não ser de madrugada, depois que blocos e trios se movem.

mendigos, desocupados, menores infratores que utilizam esses espaços de forma nem sempre civilizada, distanciada de sua finalidade.

Quando Márcia Aguiar morava na Rua Manoel Dias da Silva, na Pituba, olhava a Praça Nossa Senhora da Luz como um lugar ideal para morar ao lado, considerando que ali poderia deixar seus dois filhos brincando sossegados, enquanto ela trabalhava e se dedicava a outros afazeres. Há oito anos mudou-se para o Edifício Palmeira, um prédio sem play-ground, mas ela entendeu que a praça seria um substituto à altura. Hoje, seus filhos, com 13 e oito anos, brincam dentro do prédio, que teve de ser gradeado para que a paz retornasse para os moradores.

PÁTIO DOS MILAGRES

Quando alguma criança se aventura a brincar com bicicleta na praça, logo um desocupado "pede" a bicicleta ou toma. Sendo ao lado da igreja, a praça é invadida ainda por carros dos que vão assistir às missas. Pensando em Nossa Senhora da Luz, os fiéis esquecem os moradores que ficam sem poder entrar e sair de casa com a frente do prédio ocupada. Em função disso, o que aparece de guardador de carro chega a preocupar, a ponto de o padre (ameaçado de morte algumas vezes) pedir que não se dê dinheiro a essas pessoas, para afastá-las.

A praça vem sendo chamada, por alguns moradores, de pátio dos milagres, pois nunca está vazia. Famílias carentes inteiras ali acampam, lavam roupa, criam filhos, amam, brigam, sendo comum de vez em quando, haver troca de tiros, mesmo existindo um módulo policial na praça. As pedras portuguesas voam na hora das brigas, chegando a danificar carros. À noite, com o funcionamento da venda de comida numa Kombi, o barulho das conversas vara a madrugada e impede o sono, principalmente dos que têm os apartamentos para o poente e já sofrem do calor.

Os moradores próximos da igreja até acham que aquele estacionamento poderia virar uma zona azul, que sairia mais barato e seguro para quem fosse para a missa. E acabaria o problema de terem que voltar mais cedo para casa, antes da missa, para ter direito a estacionar em suas vagas. Essa situação dá-se também na Praça Marconi, no mesmo bairro, que aumenta o transtorno durante a festa da Pituba. Nessa época, as barracas instaladas fazem festival de som alto, os sanitários são a céu aberto e, de madrugada, pela janela, os moradores já assistiram a facadas e tiroteios. De vez em quando, mesmo sem festa, assistem também a sessões de pancadas dadas em pessoas detidas no módulo.

CAMPO GRANDE

Mas os desocupados também estão habitando outras praças, como em Roma, Nazaré, Piedade, não poupando o Campo Grande, maior área verde do centro da cidade. As árvores do Campo Grande são sanitários famosos. Os equipamentos do

O grande problema é que o Carnaval, hoje, acontece o ano todo em Salvador, as lavagens se multiplicam, os grupos de samba precisam de área para ensaiar e mostrar seu trabalho. Onde houver um espaço ele é ocupado por eventos e isso já chega a locais antes silenciosos, como Vilas do Atlântico, onde moradores se queixam do barulho dos trios elétricos, mesmo fora do Carnaval. Imagina o Campo Grande como fica com a concentração de trios elétricos que saem e dispersam naquele local.

Muitos moradores dos prédios que circundam a praça abandonam seus apartamentos, alugam ou deixam fechados durante o Carnaval, quando não podem entrar e sair das garagens a não ser de madrugada, depois que blocos e trios se recolhem e os policiais, que interditam as ruas, descansam. Há quem não agüente tantos decibéis nos ouvidos, o que afeta até os mais fervorosos carnavalescos. Após essa festa, a praça fica como se por ela tivesse passado um furacão, tal a quantidade de barracas armadas sobre a grama, que para se recuperar leva o resto do ano.

MAIS CUIDADOS

"Essa praça, ponto turístico e histórico, deveria ser melhor cuidada", pede dona Alzerinda, uma das que, de vez em quando, procuram conversar com os funcionários municipais responsáveis pelos cuidados da área, que atraindo mendigos, fazendo dos bancos suas camas, onde dormem até boa parte da manhã. Em redor, muitos cães vadios circulam, enquanto aguardam a comida que é fornecida por um casal que faz uma boa ação, mas traz o inconveniente de transformar a praça num canil de animais sem procedência, que assustam as crianças que ali vão brincar.

Nas praças da Cidade Baixa, a presença de trios elétricos não é como no Campo Grande. Mas a situação se assemelha, principalmente no que diz respeito ao afastamento dos moradores desse espaço. As praças acabam sendo mais usadas por pessoas de outras áreas. A Praça Ernesto Simões Filho, conhecida por Largo do Papagaio, já registra assaltos e muita gente não se arrisca a jogar conversa fora ou brincar, principalmente depois de certo horário. A questão é que faltam áreas de lazer em grande número de bairros, o que se agrava com a situação econômica que esvaziou os bolsos dos cidadãos.

Alguns moradores vizinhos do Largo do Papagaio agiram como matutos, não atendendo à imprensa, mandando voltar outro dia ou dizendo-se ocupados. Mas o espírito comunitário de outros, que se sentem em pleno interior, com a praça sendo o centro das atenções, foram mais afáveis. Vantagens de morar próximo ao verde das praças existiam, mas o progresso está provocando muitos transtornos. Acesso fácil, a praça vira campo de bola, tirando as crianças de circulação e se transforma até em local de despachos de macumba, como lembra dona Graça Araújo de Souza, cansada de abrir a janela gradeada e se depa-
rar com os "bozós".